ANTÔNIO CONSELHEIRO — A VIDA EM CANUDOS — O FANATISMO E SEUS EFEITOS — IMPORTANTES ESCLARECIMENTOS (*)

Pe. João Evangelista de Monte Marciano

Conseguimos obter exemplares de um impresso publicado em 1895 pelo *Correio de Notícias*, da Bahia, e no qual é dado à publicidade o relatório do frade João Evangelista de Monte Marciano ao arcebispo católico da Bahia, e cujo interêsse na atualidade é indiscutível.

Diz assim êsse documento, aliás por nós dado a título de curiosidade e para cumprimento do programa de fazer desta fôlha um campo onde se manifestem tôdas as opiniões:

"Exmo. e Revmo. Sr. — Não ignora V. Excia. Revma. que o Exmo. Sr. Arcebispo, nas vésperas da sua viagem para a visita *ad limina apostolorum*, confiou-me a árdua missão de ir ao povoado dos Canudos, freguesia do Cumbe, onde se estabeleceu o indivíduo conhecido vulgarmente por Antônio Conselheiro, a fim de procurar, pela pregação da verdade evangélica, e, apelando para os sentimentos da fé católica, que êsse indivíduo diz professar, chamá-lo e a seus infelizes asseclas aos deveres de católicos e de cidadãos, que de tudo esqueceram e violam habitualmente com as práticas as mais extravagantes e condenáveis, ofendendo a religião e perturbando a ordem pública. Compreendendo bem as graves dificuldades da tarefa, aceitei-a, como filho da obediência e confiado só na misericórdia e no poder infinito dAquela que, para fazer o bem, serve-se dos mais fracos e humildes instrumentos, e não cessa de querer que os mais inveterados pecadores se convertam e se salvem.

Munido, então, de faculdades e podêres especiais, segui acom-

(*) Relatório das Missões apresentado ao Exmo. Sr. Arcebispo da Bahia.

panhado de um outro religioso, frei Caetano de São Léo; e, hoje desempenhada, como nos foi possível a incumbência recebida, venho relatar minuciosamente a V. Excia. Revma. o que observamos e qual o resultado dos nossos esforços, em parte frustrados, para que tenha V. Excia. Revma. ciência de tudo, e providencie como fôr conveniente, na qualidade de governador do arcebispado.

Principiarei por dizer que, partindo a 26 de abril, só a 13 de maio conseguimos entrar no povoado dos Canudos, apesar do nosso empenho em transportar-nos o mais depressa possível. As dificuldades em obter conduções e encontrar agasalho nas estradas, e guias conhecedores do caminho, retardaram a viagem, forçando-nos a uma demora de muitos dias no Cumbe, que ainda fica a 18 léguas dos Canudos.

Ainda tão distantes, já deparávamos os prenúncios da insubordinação e anarquia de que íamos ser testemunhas, e que se fazem sentir por muitas léguas em derredor do referido povoado.

Três léguas antes de chegar ao Cumbe avistamos um numeroso grupo de homens, mulheres e meninos quase nus, aglomerados em tôrno de fogueiras, e, acercando-nos dêles, os saudamos, perguntando-lhe eu se era aquela a estrada que conduzia ao Cumbe.

Seu primeiro movimento foi lançar mão de espingardas e facões que tinham de lado, e juntaram-se todos em atitude agressiva. Pensamos acalmá-los, disse-lhes que éramos dois missionários que se tinham perdido na estrada e queriam saber se era longe a freguesia. Responderam: "não sabemos; perguntem ali", e apontaram uma casa vizinha.

Era uma guarda avançada de Antônio Conselheiro essa gente que havíamos encontrado.

Anunciada no Cumbe, à missa conventual do domingo 5 de maio, a missão que íamos dar nos Canudos, não foi para os habitantes dêsse povoado uma surprêsa a nossa chegada no dia 13, às 10 horas da manhã.

A fazenda Canudos dista duas léguas do Riacho das Pedras, no lado oposto à Serra Geral. A uma légua de distância o terreno é inculto, porém ótimo para a criação miúda, principalmente nas cheias do rio Vaza-Barris.

Um quilômetro adiante descobre-se uma vasta planície muito fértil, regada pelo rio, na baixa de um monte, de cuja eminência já se avistam a casa antiga da fazenda Canudos, a capela edificada por Antônio Conselheiro, e as misérrimas habitações dos seus fanatizados discípulos.

Passando o rio, logo se encontram essas casinholas tôscas, construídas de barro e cobertas de palhas, de porta sem janela, e não arrumadas. O interior é imundo, e os moradores, que, quase nus, saíram fora a olhar-nos, atestavam no aspecto esquálido e quase cadavérico as privações de tôda espécie, que curtiam. Vimos depois a praça, de extensão regular, ladeada de cêrca de doze casas de

telha, e nas extremidades, em frente uma a outra, a capela e a casa da residência de Antônio Conselheiro. À porta da capela e em vários pontos da praça apinhavam-se perto de mil homens armados de bacamarte, garrucha, facão etc., dando aos Canudos a semelhança de uma praça de armas, ou melhor, de um acampamento de beduínos.

Usam êles camisa, calça e blusa de azulão, gorro azul à cabeça, alpercatas nos pés. O ar inquieto e o olhar ao mesmo tempo indagador e sinistro denunciavam consciências perturbadas e intenções hostis.

Alojamo-nos numa casa de propriedade do Revmo. Vigário do Cumbe, que nos acompanhava e ali não havia voltado desde que a cêrca de um ano sofrera grande desacato. Logo após a nossa chegada, no decurso apenas de doze horas, pude ver o seguinte, que dá a medida do abandono e desgraça em que vive aquela gente: passaram a entrar oito cadáveres, conduzidos por homens armados, sem o mínimo sinal religioso. Ouvi também que isso é um espetáculo de todos os dias e que a mortalidade nunca é inferior, devido às moléstias contraídas pela extrema falta de asseio e a penúria de meios de vida, que dá lugar até a morrerem à fome.

Refeitos um pouco da nossa penosa viagem, dirigimo-nos para a capela onde se achava então Antônio Conselheiro, assistindo aos trabalhos de construção; mal nos perceberam, os magotes de homens armados cerraram fileiras junto à porta da capela e, ao passarmos, disseram todos: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", saudação freqüente e comum, que só recusam em rompimento de hostilidades. Entrando, achamo-nos em presença de Antônio Conselheiro, que saudou-nos do mesmo modo.

Vestia túnica de azulão, tinha a cabeça descoberta e empunhava um bordão: os cabelos crescidos, sem nenhum trato, a caírem sôbre os ombros; as hirsutas barbas grisalhas, mais para brancas; os olhos fundos, raras vêzes levantados para fitar alguém, o rosto comprido e de uma palidez quase cadavérica, o porte grave e ar penitente, davam-lhe ao todo uma aparência que não pouco teria concorrido para enganar e atrair o povo simples e ignorante dos nossos sertões.

As primeiras palavras que trocamos versaram sôbre as obras que se construíam, e êle convidou-nos a examiná-las, guiando-nos a todos às divisões do edifício.

Chegados ao côro, aproveitei a ocasião de estarmos quase sós, e disse-lhe que o fim a que eu ia era todo de paz, e que assim muito estranhava só enxergar ali homens armados e não podia deixar de condenar que se reunissem num lugar tão pobre tantas famílias, entregues à ociosidade e num abandono e miséria tais, que diàriamente se davam de 8 a 9 óbitos.

Por isso, de ordem e em nome do Sr. Arcebispo, ia abrir uma santa missão, e aconselhar o povo a dispersar-se e a voltar aos lares e ao trabalho, no interêsse de cada um e para o bem geral.

Enquanto dizia isto, a capela e o côro enchiam-se de gente, e ainda não acabava eu de falar já êles a uma voz clamavam: "Nós queremos acompanhar o nosso Conselheiro." Êste os fêz calar, e voltando-se para mim, disse: "É para minha defesa que tenho comigo êstes homens armados, porque V. Revma. há de saber que a polícia atacou-me e quis matar-me no lugar chamado Maceté, onde houve mortes de um e de outro lado.

No tempo da monarquia deixei-me prender, porque reconhecia o govêrno; hoje não, porque não reconheço a República.

"Senhor, repliquei eu, se é católico, deve considerar que a Igreja condena as revoltas, e, aceitando tôdas as formas de govêrno, ensina que os podêres constituídos regem os povos, em nome de Deus.

"É assim em tôda a parte: a França, que é uma das principais nações da Europa, foi monarquia por muitos séculos, mas há mais de 20 anos é República; e todo o povo, sem exceção dos monarquistas de lá, obedece às autoridades e às leis do govêrno.

"Nós mesmo, aqui no Brasil, a principiar dos bispos até o último católico, reconhecemos o govêrno atual; sòmente vós não vos quereis sujeitar?

"É mau pensar êsse, é uma doutrina errada a vossa."

Interrompeu-me um dos da turba, gritando com arrogância: "V. Revma. é que tem uma doutrina falsa, e não o nosso Conselheiro." Desta vez ainda o velho impôs silêncio, e por única resposta me disse:

"Eu não desarmo minha gente, mas também não estorvo a santa missão." Não insisti no assunto, e, acompanhados da multidão, saíram todos, indo escolher o lugar para a latada e providenciar para que no dia seguinte principiassem os exercícios.

Feito isto, e quando me retirava, os fanáticos levantavam estrondosas vivas à Santíssima Trindade, ao Bom Jesus, ao Divino Espírito Santo e ao Antônio Conselheiro.

Missionando em várias freguesias vizinhas, eu havia já colhido informações sôbre Antônio Conselheiro e seus principais sectários; mas, estando entre êles, quis, antes de dar princípio à minha pregação, averiguar o que realmente êles eram e o que faziam.

Do que vi e ouvi apurei o que passo a registrar, para que se aprecie melhor o ocorrido.

Antônio Conselheiro, cujo nome de família é Antônio Vicente Mendes Maciel, cearense, de côr branca tostada ao sol, magro, alto de estatura, tem cêrca de 65 anos e pouco vigor físico, parecendo sofrer alguma afecção orgânica, por freqüentes e violentos acessos de tosse a que é sujeito.

Com uma certa reputação de austeridade de costumes, envolvem-no também, e concorrem para alimentar a curiosidade de que é alvo e o prestígio que exerce, umas vagas, mas insistentes suposições da expiação rigorosa de um crime, cometido, aliás, em circunstâncias atenuantes.

Ninguém pode falar-lhe a sós, porque seus pretorianos não deixam, ou receando pela vida do chefe, ou para lhe escapar nenhum de seus movimentos e resoluções.

Antônio Conselheiro, inculcando zêlo religioso, disciplina e ortodoxia católica, não tem nada disso; pois contesta o ensino, transgride as leis e desconhece as autoridades eclesiásticas, sempre que de algum modo lhe contrariam as idéias, ou os caprichos; e arrastando por êsse caminho os infelizes sequazes, consente ainda que êles lhe prestem homenagens que importam um culto, e propalem em seu nome doutrinas subversivas da ordem, da moral e da fé.

Os aliciadores da seita se ocupam em persuadir o povo de que todo aquêle que quiser se salvar precisa vir para os Canudos, porque nos outros lugares tudo está contaminado e perdido pela República: ali, porém, nem é preciso trabalhar: é a terra da promissão, onde corre um rio de leite, e são de cuscuz de milho os barrancos.

Quem tiver bens, disponha dêles e entregue o produto da venda ao bom Conselheiro, não reservando para si mais do que um vintém em cada cem mil réis. Se possuir imagens, traga-as para o santuário comum.

O que seguir isto à risca, terá direito a vestuário e ração; e contam-se em tais condições para mais de 800 homens e 200 mulheres no séquito do conhecido fanático.

As mulheres se ocupam em preparar a comida, coser e enfeitar os gorros de que usam os homens; e à noite vão cantar benditos na latada, acendendo fogueiras quando é tempo de frio.

Os homens estão sempre armados, de dia e noite, montam guarda a Antônio Conselheiro; parecem idolatrá-lo e, cada vez que êle transpõe o limiar da casa em que mora, é logo recebido com ruidosas aclamações e vivas à Santíssima Trindade, ao Bom Jesus e ao Espírito Santo.

Entre essa turba desorientada há vários criminosos, segundo me afirmaram, citando-se até os nomes, alguns dos quais eu retive, como o de João Abade, que é ali chamado o chefe do povo, natural do Tucano, e réu de dois homicídios, e o de José Venâncio, a quem atribuem dezoito mortes.

O santo homem fecha os olhos a estas travessuras e acolhe os inocentes, para que não os venha a perder a República.

Quanto a deveres e práticas religiosas, Antônio Conselheiro não se arroga nenhuma função sacerdotal, mas também não dá jamais o exemplo de aproximar-se dos sacramentos, fazendo crer com isto que não carece dêles, nem do ministério dos padres; e as cerimônias do culto a que preside, e que se repetem mais a miúdo entre os seus, são mescladas de sinais de superstição e idolatria, como é, por exemplo, o chamado "beijo das imagens", a que procedem com profundas prostrações e culto igual a todos sem distinção entre as do Divino Crucificado, da Santíssima Virgem e quaisquer outras.

Antônio Conselheiro costuma reunir em certos dias o seu povo, para dar-lhe conselhos, que se ressentem sempre do seu fanatismo em assunto de religião e da sua formal oposição ao atual regime político; mas, ou para mostrar deferência com o missionário, ou por ter meios de dar instruções secretas, absteve-se de falar em público, enquanto eu lá estive.

Abri a missão a 14 de maio, e já nesse dia concorreram não menos de quatro mil pessoas: dos homens, todos os que podiam manejar uma arma lá estavam, carregando bacamartes, garruchas, espingardas, pistolas e facões; de cartucheira à cinta e gorro à cabeça, na atitude de quem vai à guerra. O Conselheiro também veio, trazendo o bordão: colocava-se ao lado do altar, e ouvia atento e impassível; mas, como quem fiscaliza, e deixando escapar alguma vez gestos de desaprovação, que os maiores da grei confirmavam com incisivos protestos. Sucedeu isto de um modo mais notável, certa ocasião em que explicava o que era e como devia fazer-se o jejum, ponderando que êle tinha por fim a mortificação do corpo e o refreamento das paixões pela sobriedade e temperança, mas não o aniquilamento das fôrças por uma longa e rigorosa privação de alimentos, e que, por isso, a igreja, para facilitar, dispensava em muitos dias de jejum a abstinência, e nunca proibiu o uso dos líquidos em moderada quantidade. Ouvindo que se podia jejuar muitas vêzes comendo carne ao jantar, e tomando pela manhã uma chávena de café: o Conselheiro estendeu o lábio inferior e sacudiu negativamente a cabeça, e os seus principais asseclas romperam logo em apartes, exclamando com ênfase um dentre êles: "Ora, isto não é jejum: é comer a fartar."

Fora assaz ligeiras interrupções, a missão correu em paz até o quarto dia em que eu preguei sôbre o dever da obediência à autoridade, e fiz ver que, sendo a República govêrno constituído no Brasil, todos os cidadãos, inclusive os que tivessem convicções contrárias, deviam reconhecê-lo e respeitá-lo. Observei que neste sentido já se pronunciara o Sumo Pontífice, recomendando a concórdia dos católicos brasileiros com o poder civil; e concluí, declarando que se persistissem em desobedecer e hostilizar um govêrno que o povo brasileiro quase na sua totalidade aceitara, não fizessem da religião pretexto ou capa de seus ódios e caprichos porque a Igreja Católica não é nem será nunca solidária com instrumentos de paixões e interêsses particulares ou com perturbadores da ordem pública.

Estas minhas palavras irritaram o ânimo de muitos, e desde logo começaram a fazer propaganda contra a missão e os missionários, arredando o povo de vir assistir à pregação de um padre maçom, protestante e republicano, e dirigindo-se, quando passavam e até ao pé do púlpito, ameaças de castigo e até de morte. Espalharam que eu era emissário do govêrno e que, de inteligência como êste, ia abrir caminho à tropa que viria de surprêsa prender o Conselheiro e exterminar a todos êles. E, passando de palavras a fatos, ocuparam

com gentes armadas tôdas as estradas do povoado, pondo-o em estado de sítio, de modo a não poder ninguém entrar nem sair, sem ser antes reconhecido, como o fizeram ao próprio vigário da freguesia, detendo-o à bôca da estrada, quando às 7 horas da noite, tendo se ausentado por justo motivo, regressava para Canudos.

Roguei a Deus que amparasse a minha fraqueza, e, sem me afastar da calma e da moderação com que deve falar um missionário católico, em um dos dias seguintes ocupei-me do homicídio, e, depois de considerar a malícia enorme e a irreparabilidade dêste crime, entrei a mostrar que não eram homicidas só os que serviam-se do ferro ou do veneno para de emboscada ou de frente arrancar a vida aos seus semelhantes; que também o eram, até certo ponto, aquêles que arrastavam outros a acompanhá-los em seus erros e desatinos, deixando-os depois morrer, dizimados pelas moléstias, à mingua de recursos e até do pão, como acontecia ali mesmo; e, então, perguntei-lhes quem eram os responsáveis pela morte e pelo fim miserável de velhos, mulheres e crianças que diàriamente pereciam naquele povoado em extrema penúria e abandono. Saiu dentre a multidão uma voz lamuriosa dizendo assim: "É o Bom Jesus que os manda para o céu."

Exasperava-os a franqueza e a energia, com que o missionário lhes censurava os maus feitos, e não perdiam ocasião de rugir contra êle, mas não se animavam a pôr-lhe mãos violentas, porque havia mais de seis mil pessoas assistindo a missão, e a maior parte era gente de fora que só a isto viera e reagiria certamente se êles me tocassem.

Limitaram-se às injúrias, acenos e ditos ameaçadores, até o dia 20 de maio, sétimo da missão, em que já não se contiveram nessas manifestações isoladas e organizaram um protesto geral e estrepitoso do grupo arregimentado. Desde as 11 horas da manhã João Abade, chamando o chefe do povo, foi visto a percorrer a praça apitando impaciente, como a chamar a soldadesca a postos contra alguma agressão inimiga, e a gente foi se reunindo até que no meio-dia estava a praça coalhada de homens armados, mulheres e meninos que, a queimar foguetes, e com uma algazarra infernal, dirigiram-se para a capela, erguendo vivas ao Bom Jesus, ao Divino Espírito Santo e a Antônio Conselheiro, e de lá vieram até nossa casa, dando foras aos republicanos, maçons e protestantes, e gritando que não precisavam de padres para se salvar, porque tinham o seu Conselheiro.

Nessa desatinada passeata, andaram acima e abaixo pelo espaço de duas horas, dispersando-se, afinal, sem irem além. A tarde, verberando a cegueira e insensatez dos que, assim haviam procedido, mostrei que tinha sido aquilo um desacato sacrílego à religião e ao sagrado caráter sacerdotal, e que, portanto, punha têrmo à santa missão, e como outrora os apóstolos às portas das cidades que repeliam, eu sacudia ali mesmo o pó das sandálias, e retirava-me anun-

ciando-lhes que se a tempo não abrissem os olhos à luz da verdade, sentiriam, um dia o pêso esmagador da Justiça Divina, à qual não escapam os que insultam os enviados do Senhor e desprezam os meios de salvação. E os deixei, não voltando mais à latada, nem me prestando a exercer o meu ministério em lugar ou ato público.

A suspensão repentina da santa missão produziu nos circunstantes o efeito de um raio, deixando-os atônitos e impressionados; os que ainda não haviam alistado na Companhia do Bom Jesus, que não recebiam do Conselheiro a comida e a roupa, e não dependiam dêle portanto, deram-me plena razão, e, reprovando formalmente os desvarios de tal gente, começaram a sair do povoado, já queixosos e completamente desiludidos das virtudes do Antônio Conselheiro.

Os outros, conhecendo-se em grande minoria, e avaliando que essa retirada em massa redundaria em notório descrédito dêles, enviavam-me às pressas uma comissão, em que entraram os mais exaltados, e que veio pedir-me em nome de Antônio Conselheiro a continuação da missão, alegando que não deviam sofrer os inocentes pelos culpados; e que assim ficaria o povo privado do Sacramento da Crisma e de outros benefícios espirituais que só no fim da missão se lucravam. Descobrindo-lhe ao mesmo tempo a manha e a fraqueza, resisti aos pedidos, e deixei que o meu ato, mais feliz do que as minhas palavras, acabasse de operar a dispersão daquelas multidões, prêsa iminente do fanatismo de um insensato, servido por imbecis ou explorado por perversos.

Haviam-se feito já, quando encerrei de chôfre os trabalhos da missão, 55 casamentos de amancebados, 102 batizados, e mais de 400 confissões.

No dia em que devíamos partir, fui pela manhã chamado para uma confissão de enfêrmo e acudi sem hesitação, seguindo uns homens armados que tinham vindo chamar-me a êsse fim. Chegamos à casa, interroguei o doente se queria confessar-se, e, respondendo que sim, pedi aos tais homens armados que saíssem para não ouvir a confissão. Êles não se moveram, e um perfilou-se e bradou: "custe o que custar, não sairemos".

Observei então, ao doente que nem eu podia ouvir a confissão, nem êle estava obrigado a fazê-la em tais circunstâncias; e imediatamente retirei-me, protestando em voz alta, da porta da casa e na rua, contra aquela afrontosa violação das leis da religião e da caridade.

Redobrou então a fúria daqueles desvairados, e, vomitando insultos, imprecações e juras de vingança, tomaram a entrada da casa em que eu me hospedara e onde já me achava. A minha missão terminara: a seita havia levado o maior golpe que eu podia descarregar-lhe, e conservar-me por mais tempo no meio daquela gente ou sair-lhe ainda ao encontro, seria rematada imprudência sem a mínima utilidade. Os companheiros de viagem esperavam-nos com os animais arreados nos fundos da casa: dando costas

aos míseros provocadores, de lá mesmo seguimos, e, galgando a estrada, ao olhar pela última vez o povoado, condoído da sua triste situação, como Divino Mestre diante de Jerusalém, eu senti um apêrto nalma e pareceu-me poder também dizer-lhe:

"Desconheceste os emissários da verdade e da paz, repeliste a visita da salvação; mas aí vêem tempos em que fôrças irresistíveis te sitiarão, braço poderoso te derrubará, e arrasando as tuas trincheiras, desarmando os teus esbirros, dissolverá a seita impostora e maligna que te reduziu a seu jugo odioso e aviltante."

Hoje, longe dessa infeliz localidade, e podendo informar sem ressentimento e com tôda a exatidão e justiça, eu recapitularei o exposto, dizendo o seguinte:

A missão de que fui encarregado, além da vantagem de aprender e denunciar a impostura e perversidade da seita fanática no próprio centro de suas operações, teve ainda um benéfico efeito, que foi o de arrancar-lhe inúmeras prêsas desenganando a uns das virtudes supostas e premunindo outros contra as doutrinas e práticas abusivas e reprovadas de Antônio Conselheiro e seus fanáticos discípulos. Descreram dêle e felizmente já abandonaram multidões consideráveis de povo que, regressando a suas terras, maldiz da hora em que os segui, e vai resgatar o seu êrro pela obediência às legítimas autoridades e pelo trabalho.

Onde não chegarem as vozes dos que colheram tão amarga experiência, faça-se ouvir a palavra autorizada dos pastôres das almas, denunciando o caráter abominável e a influência maléfica da seita, e ela decerto não logrará novos prosélitos.

Entretanto, comprazendo-me em consignar que só se conservam atualmente ao lado do Conselheiro aquêles que já estavam incorporados na legião por êles intitulada Companhia do Bom Jesus, no interêsse da ordem pública pelo respeito devido à lei, garanto a inteira veracidade do que informo e acrescento:

A seita político-religiosa, estabelecida e entrincheirada nos Canudos, não é só um foco de superstição e fanatismo e um pequeno cisma na igreja baiana; é, principalmente, um núcleo ,na aparência desprezível, mas um tanto perigoso e funesto de ousada resistência e hostilidade ao govêrno constituído no país.

Encarados o arrôjo das pretensões e a soberania dos fatos, pode-se dizer que é aquilo um estado no Estado: ali não são aceitas as leis, não são reconhecidas as autoridades, não é admitido à circulação o próprio dinheiro da República.

Antônio Conselheiro conta a seu serviço mais de mil companheiros decididos: entre êstes os homens, em número talvez de oitocentos, sempre armados, e as mulheres e crianças dispostas de modo a formarem uma reserva que êle mobiliza e põe em pé de guerra, quando julga preciso.

Quem foi alistado na Companhia dificilmente poderá libertar-se e vem a sofrer violência, se fizer qualquer reclamação, como sucedeu

durante a minha estada a um pobre coitado que, por exigir a restituição das imagens que havia trazido, foi pôsto na prisão.

A milícia fanática só dá entrada no povoado a quem bem lhe apraz; aos amigos do govêrno ou republicanos conhecidos ou suspeitos, êle faz logo retroceder ou tolera que entrem, mas trazendo-os em vista e pronto a expulsá-los; quanto aos indiferentes e que não se decidem a entrar na seita, êsses podem viver ali, e têm liberdade para se ocupar de seus interêsses, mas correndo grandes riscos, e entre êles o de serem algum dia inesperadamente saqueados os seus bens em proveito da Santa Companhia: sorte esta pouco invejável, que ainda recentemente, coube a um certo negociante que lá se estabelecera, vindo da cidade do Bonfim.

Naquela infeliz localidade, portanto, não tem império a lei, e as liberdades públicas estão grosseiramente cortadas.

O desagravo da religião, o bem social e a dignidade do poder civil pedem uma providência que restabeleça no povoado dos Canudos o prestígio da lei, as garantias do culto católico e os nossos foros de povo civilizado. Aquela situação deplorável de fanatismo e de anarquia deve cessar para honra do povo brasileiro para o qual é triste e humilhante que, ainda na mais inculta nesga da terra pátria, o sentimento religioso desça a tais aberrações e o partidarismo político desvaire em tão estulta e baixa reação.

Releve-me V. Exma. Revma. a rudeza das considerações que expendi e a prolixidade desta exposição cujo intuito é mostrar o quanto esforçou-se o humilde missionário por desempenhar a tarefa que lhe foi confiada, e inteirar a V. Exma. do quanto ocorreu por essa ocasião e da atitude rebelde e belicosa que Antônio Conselheiro e os seus sequazes assumiram e mantêm contra a Igreja e o Estado; a fim de quê? dando às informações prestadas o valor que merecem, delibere V. Exma. Revma. sôbre o caso, como em seu alto critério e reconhecido zêlo julgar conveniente.

Deus guarde a V. Revma.

Exmo. e Revmo. Sr. Cônego Clarindo de Sousa Aranha, digno governador do arcebispado da Bahia. Frei João Evangelista do Monte Marciano, missionário apostólico capuchinho."